

O ATEÍSMO MILITANTE: ONFRAY E RICHARD DAWKINS

[MILITANT ATHEISM: ONFRAY AND RICHARD DAWKINS]

Wesley Barbosa *

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

RESUMO: O ateísmo militante sofre do mesmo mal originado do fanatismo religioso judaico-cristão. Ele detém a verdade. E como apanágio desta boa nova deve converter os desinformados ou alienados e enganados, pregando a sua incredulidade aos seis cantos da Terra. Antes do problema de, se Deus existe ou não, há o problema do dogmatismo, do fundamentalismo, do fanatismo, seja lá do que for. Se todos os crentes vivessem em paz entre eles, e entre os ateus, e estes com aqueles, não existiria motivo algum que justificasse uma prova cabal da existência ou não de Deus. Mas a vontade de verdade compromete e esvazia o diálogo instaurando um clima eterno de intolerância e desrespeito ao outro.

PALAVRAS-CHAVES: Ateísmo; verdade; ciência; militância

ABSTRACT: Militant atheism suffers from the same evil that originates from Judeo-Christian religious fanaticism. He holds the truth. And as a hallmark of this good news, it must convert the uninformed or alienated and deceived, preaching their unbelief to the six corners of the Earth. Before the problem of whether God exists or not, there is the problem of dogmatism, fundamentalism, fanaticism, whatever it is. If all believers lived in peace among themselves, and among atheists, and these with those, there would be no reason to justify a complete proof of the existence or not of God. But the desire for truth compromises and empties dialogue, establishing an eternal climate of intolerance and disrespect for others.

KEYWORDS: Atheism; truth; science; activism

INTRODUÇÃO

A atitude militante já denuncia um certo auto de fé, senão um traço das paixões. Para o bem ou para o mal, o militante carrega consigo a vara moral de sua ontologia como presunção da vida boa. No caso do ateísmo é até compreensível um comportamento tão contundente, já que por milênios, os crentes de todos os tipos introjetaram nas mentes mais loquazes e fabulosas, como nas cabeças mais estúpidas e ingênuas, o veneno do desgosto pela vida. Propagar uma antife com os recursos de uma catequese, às avessas, é justificável, porque mesmo como reação, é um grito calado sobre a escuridão histórica de hediondas torturas. Neste artigo, portanto, se tentará apagar os traços de misticismo e fé que ainda possam permanecer na construção de um pensamento ateu, expurgando os últimos pedregulhos de uma cultura judaico cristã. Almeja-se uma

* *Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia-PPGFIL-UFES. E-mail: wesleyjesusbarbosa1980@gmail.com*

cultura pós-cristã desgarrada de uma vez por todas do cristianismo. A laicidade toma um corpo com uma musculatura mais robusta, aprofundando o sentido Iluminista, que, no frígido dos ovos, não superou mesmo, o cristianismo. A pergunta que cabe ou que perguntas nos permitem fazer os alicerces construídos por Onfray e Dawkins remetem-se, de novo, a provocar uma leitura de si como a se indagar se o serviço oferecido aconteceu como planejado. Pois, é possível superar o cristianismo numa envergadura tal como se jamais tivéssemos sido cristãos, que noção de ruptura é essa que se desfaz do passado absolutamente? Que a modernidade trocou o Deus cristão pela verdade empiricamente evidente e testável do real, todos concordamos, porém os ateus filósofos e cientistas, de fato encontram-se numa realidade de pensamento pós-cristão? Por que a necessidade de uma militância como a inculcar no outro uma consciência para despertá-lo de seu sono; se Deus é nada e a fé é oca, por que a necessidade de contestar algo que mais cedo ou mais tarde se tornará cristalino e evidente ao crente, que sua fé não vale nada? O método ateu difere profundamente do método cristão? E se de fato os ateus estiverem certos na sua missão salvífica: a descoberta do mundo pelo adepto do ideal ascético será uma retomada de sentido ou uma dor desesperadora diante do desamparo? Se os cristãos são fracos, por isso sua imersão na ficção de Deus, quem garantiria que a morte de Deus os faria fortes diante dos desafios de uma vontade de poder intempestiva? O Deus dos militantes ateus deve ser morto por esses bravos soldados, não para que a verdade esteja fundada no ateísmo ou no cientificismo como dogmas, mas para que diante do aberto se construa os deuses que quisermos ou nenhum Deus. Porque a laicidade tem muito mais relação com uma transvaloração dos valores, que uma negação reativa do valor, ou seja, Deus é um valor que como tal, disputa, no social e no sujeito, com outros valores: o homem que por ventura superou-se é aquele capaz de com independência e autonomia transitar e fazer uso dos valores, sem ressentimento e medo, para fortalecer a vida que se alegra diante da liberdade e honestidade diante do trágico.

Onfray

A filosofia desde o início indagou-se sobre os problemas fundamentais: o que fazemos neste mundo, qual o sentido das coisas, o que é a vida e se ela é finita ou infinita, se se é possível ser feliz, o que tinha antes do ser e o que virá depois dele... Enfim, todas as questões são, inicialmente, filosóficas. O espanto diante do mundo e de nós é o elemento grandiloquente do intranquilo pensador. Todavia, diante do real, muitos destes homens do conhecimento acabaram por inventar uma metafísica, que longe de corroborar na descoberta de fragmentos do mundo palpável, acabou por traduzir como realidade uma ficção abstrata, ao mesmo tempo que atribuía uma falsidade ao mundo sensível. Depois vieram os cristãos ajustando o ideal ao seu modelo teológico. Em seguida, Descartes, Kant... “O pensamento mágico trabalha a historiografia da filosofia.” (ONFRAY, 2010, p. 03). O primeiro grande pensador a desestabilizar profundamente esses edifícios dogmáticos foi Nietzsche, não que não tivessem tido outros, mas ele teve a habilidade sutil de um artista, palavra por palavra, construída com as texturas da literatura e da arte, para desmontar os alicerces destes grandes sistemas, profundos na sua aparência, porém vazios na sua profundidade, vazios de cotidiano, de terra, de vida, esta mesma que se tem. “De livro a livro, reproduzem-se os mitos sem nunca os pôr em dúvida uma só vez.” (ONFRAY, 2010, p.03). Assim, séculos sobre séculos de uma cultura forjada na caldeira dualista do espírito: o eu e o mundo, o aparente e o ideal, os europeus pensadores e o resto do planeta. Por séculos a fio a filosofia deteve-se a ser assunto de europeus, como se os outros não fossem filósofos ou pensadores. A etimologia da palavra é grega, o que justifica o argumento de uma filosofia grega. Porém, o seu eurocentrismo marcante e o seu racismo declarado poderiam ser atenuados se uma abertura ao diálogo como discussão filosófica se fizesse a outros povos. Mas o domínio e o avanço militar europeu sobre o mundo desautorizava a suposição de um pensamento banto, iorubá, guarani, tupinambá, asteca, inca. Quando os invasores espanhóis destruíam os documentos históricos Astecas e Incas, queimando-

os a golpes de marreta, demonstravam o seu verdadeiro sentido da História, de que a superioridade europeia era evidente. Que não estavam nem um pouco preocupados em significar o outro como criador de seu próprio pensamento, eram bestas selvagens.

[...]: o nascimento branco, europeu, da filosofia. É evidente que reconhecer uma filiação nos bárbaros, confessar uma genealogia dessa genealogia mágica supõe o reconhecimento de amarelos, negros, mestiços. Nada de muito imaculado entre esses racistas que são os gregos, que apreciam tão pouco a democracia ... (ONFRAY,2010, p.04).

O domínio pela História é uma marca indelével dos europeus, - eles conhecem bem o poder deste discurso -, não, apenas, ocupar territorialmente, mas convencer o dominado a se submeter ao seu invasor, acreditando o oprimido, estar sendo agraciado por seu carrasco. Cada linha da historiografia europeia sobre o mundo carrega consigo o veneno da “neutralidade” como espada de guerra, uma mentira bem contada pelos escritores mais maliciosos, os historiadores. “Por que a historiografia ensinada nas instituições seria neutra? Em nome de que não obedeceria também a considerações ideológicas, notadamente as que são produzidas por uma civilização marcada desde há dois mil anos por uma visão cristã do mundo?” (ONFRAY,2010, p.05). Assim, as cosmogonias indígenas, seu pensamento muito mais holista e integrado ao todo natural da vida, mais disponível a uma feitura enérgica do eu com o coletivo, destes com a floresta, numa espécie de sintonia universal, servem de nada, pois não passam de enfadonhos delírios de uma mente primitiva. A violência da razão ocidental expõe muito mais os limites de seu pensar, quando transforma sua ignorância intelectual e metodológica na investigação de suas vicissitudes problemáticas em insensatez e afetos tristes, seu horror ao diferente é muito mais uma estratégia para esconder suas dificuldades epistemológicas. Os indígenas nunca precisaram de Cristo ou da razão platônica, eles viviam muito bem com sua filosofia do corpo.

Com base no princípio crístico, redige-se uma história da filosofia destinada a celebrar a religião da Ideia e do idealismo. Sócrates como messias, morto porque encarnava a revelação filosófica inteligível; Platão como apóstolo, se não como são Paulo da causa inteligível: a filosofia idealista, eis a religião revelada da Razão ocidental. (ONFRAY,2010, p.07).

Para nós, herdeiros desta educação da moral, pensar o corpo é sempre uma dificuldade. Porque ao lembrar dele, vem no bojo, a mente, mas como um outro intransponível. O corpo que somos é a medida de todas as coisas, o limite de nós e do mundo. A mente, se ela for o reduto do pensamento, não passa de guardiã do corpo, que aprende pelo choque literal com o mundo a avaliar as alternativas para o seu melhor dispor-se. “Partir de si não obriga a ficar em si, nem a sentir um prazer potencialmente culpado nisso.” (ONFRAY,2010, p.14). Os diversos povos indígenas e africanos têm menos dificuldade que nós, pois a filosofia, ou o pensamento, são formulações que servem à vida imediatamente, e a vida é uma prática que acontece no corpo como um sentir. Não se abstrai, como a fruir pela razão no tubo retilíneo da idealidade, buscando no seu jogo semiótico, a verdade estruturante do universo. O rio terá cheias todos os anos, não porque seja inimigo ou que os Ianomâmis estejam sendo castigados, muito ao contrário, o rio é um grande amigo, talvez o maior e o melhor amigo que os homens poderiam ter; também não é uma questão de dominar o rio, os homens não estão em guerra com o mundo, lutar contra o mundo, destruir o mundo, é destruir a si mesmo porque todos os agentes do mundo estão em profunda sintonia e comunhão (isto não quer dizer harmonia, os jogos de força são necessários para a vida perpetuar-se): o controle mecânico do rio por diques ou barragens de concreto armado com comportas para escoamento de água para geração de eletricidade ou liberação de excesso em épocas de grandes cheias da barragem¹, compromete o seu funcionamento, resultado

nem um pouco interessante aos povos originários da floresta; portanto, como agir, como se proteger da cheia que é diferente todos os anos, como se beneficiar dela, como o coletivo consegue fortalecer o indivíduo nesta época e noutras? Eis uma filosofia prática: para pensar tem que saber nadar, ter fôlego para mergulhar, pescar, caçar e respeitar o todo. Sábio não é aquele que senta em sua fria biblioteca para pensar, mas aquele que pensa agindo, em movimento, em contato com o mundo. A filosofia ocidental ainda é coisa das cucas mais mirabolantes. Não é só isto, mas as vezes fica até difícil defender a filosofia!

A tradição filosófica se recusa a fazer da razão a improvável flor de tal canteiro corporal; recusa a materialidade dos destinos e a mecânica, complexa decerto, mas mecânica mesmo assim, do ser; ela se rebela contra a ideia de uma física da metafísica; considera heterogêneas à sua disciplina todas as outras atividades, ainda mais as atividades triviais que se preocupam com a matéria do mundo; permanece platônica e cultua o fantasma de um pensamento sem cérebro, de uma reflexão sem corpo, de uma meditação sem neurônios, de uma filosofia sem carne, diretamente descida do céu para se dirigir à única parte do homem que escapa da extensão, a alma...(ONFRAY,2010, p.18).

Neste solipsismo apaixonado e político o europeu busca em sua ontologia um ser como uma entidade capaz de cessar a investigação. O ser enquanto tal, o ser que é. Para a Igreja, Deus é o ser que é, mesmo que para ser, seja necessário a fé. Mas a fé é o fim que a investigação filosófica sobre Deus perscruta à teologia. Inevitavelmente, a razão dedicada a verdade encontrará no fim de seu investigar, a fé, logo Deus. Desde a sua institucionalização, o cristianismo quis domesticar a filosofia, a servidão da filosofia à teologia ceifou a cortes cirúrgicos de faca a sua capacidade de investigar, pois depois de mil anos de subjetivação judeu católico medieval, todo pensamento livre carrega consigo uma culpa que se sente e não se sabe de onde vem.

Os Padres da Igreja reivindicam a *verdadeira filosofia* - essa expressão está presente em quase todos os seus discursos... Com base no princípio do intelectual cortesão, Eusébio de Cesareia, amigo e panegirista de Constantino, dá o *tom*: o filósofo põe sua capacidade de conceito, sua potência de raciocínio, seu talento para a reflexão a serviço de uma causa que justifica e legitima arranjos com a história, o arquivo, a verdade.” (ONFRAY, 2010, p.22).

A servidão da filosofia ao dogma eclesial fecundou grandes nomes do pensamento ocidental, - São João Crisóstomo, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Ramon Lúlio, Pedro Abelardo -, que buscaram nas suas investigações filosóficas articular os meandros do pensamento para a aquisição lógica e formal de Deus. A fé, apesar de sua fortuna, é insuficiente sem os atributos da razão, ou seja, ela não é uma formulação que advém de Cristo, como uma vontade dele. Se fosse assim o livre arbítrio esfarelar-se-ia. É porque o livre arbítrio foi instituído por Deus que o homem tem que ser educado com os recursos da razão para consolidar a sua fé como certeza indubitável. Porém, este uso instrumental da filosofia tem os seus problemas, primeiro pela imposição de um conjunto de proposições em si mesmas inquestionáveis, por exemplo, se Deus não seria uma ficção; também a inviolabilidade do papa ou morte e ressurreição de Jesus. Assim, a filosofia tem como único objeto de estudo, Deus, que já é certo que existe. Se a teologia fosse mais democrática e dialógica, o pensamento teria tido ganhos maiores. Mas porque foi absorvido, acabou por reduzir-se a uma ferramenta retórica de convencimento, abandonando o seu exercício de formulações epistemológicas para acumulo de conhecimento da humanidade. Isto é, a própria questão de Deus avançaria melhor sem as chagas advindas da violência inquisitorial da teologia.

O cristianismo assassina pois a forma existencial de filosofar para estender a disciplina à argumentação, ao debate, à controvérsia em relação a pontos de detalhes doutrinários ínfimos: assim, a teologia mata a filosofia. Pelo menos, ela se propõe consumir essa façanha. De Irineu de Lyon, com seu *Contra as heresias*, a Tomás de Aquino e sua *Suma teológica*, a filosofia se torna a criada das tarefas triviais. Deus é desde então o único objeto possível de qualquer pensamento. (ONFRAY,2010, p.23).

Desde o medievo, a filosofia serve aos desígnios, aos anseios, aos projetos de alguma coisa, que não a vida. Os antigos buscavam na filosofia um estilo de vida capaz de emergir dos escombros da dor, a felicidade. Mas aí Platão inventa o mudo das ideias perfeitas, depois é Deus a origem da felicidade, mas está no além-mundo. A modernidade continua com uma essência por trás da aparência, sempre uma infinita busca. Aqui e acolá há uma formulação da felicidade que, ou está muito distante, ou não é factível ao homem por causa do abstracionismo exagerado. Nenhum problema se o gozo do pensamento é contumaz a este ou àquele filósofo, ele faz um uso prático da filosofia para a vida. De algum modo o pensamento e o agir adquirem uma certa comunhão. Por isso, a escolástica pareceria um exercício de justificação de uma vida para outro momento, inútil aos viventes da Terra, pois ao focar no além, negam este mundo que habitamos. “A biografia de um filósofo não se resume ao simples comentário das suas obras publicadas, mas à natureza da ligação entre seus escritos e seus comportamentos. Somente o conjunto se chama uma obra.” (ONFRAY, 2010, p.25). E na História da Filosofia há muito desta entrega a outra realidade como fuga desta, sendo a filosofia o ópio da vida. Mesmo o pensamento mais laico, ainda é cristão, permanece um longe de mim e de nós, lá nas brumas cintilantes, um pouco escuras, com alguma luminosidade, onde o pensamento brinca sorrateiro os problemas de uma vida que não existe. “[...]:frua e faça fruir, sem fazer mal nem a você nem a ninguém, eis toda a moral.”[grifo do autor] (ONFRAY,2010, p.28).O cristianismo e suas veleidades permanecem no pensamento, no cotidiano, na laicidade, na política, na arte, na justiça, na escola, na guerra. E porque não, também no ateísmo.

[...]: a descristianização é apenas aparente e formal. A maioria, agnósticos ou vagamente ateus, incrédulos ocasionais ou fiéis por hábito, ainda cultiva os batismos religiosos da sua progenitura, os casamentos na igreja (para agradar a família!) e os enterros dos próximos – ou o seu ... - com uma bênção, nos locais cristãos providos do pessoal *ad hoc*. (ONFRAY, 2010, p.34).

Laicidade ainda é assunto de democratas iluministas. Do fundo do coração, o religioso no Brasil acha que pode assediá-los dentro do ônibus, o ensino religioso nas escolas básicas é catequese cristã, não uma matéria para mostrar ao educando a diversidade de religiões que existem no mundo e como todas elas pregam o amor para serem protagonistas dos principais dos conflitos militares da História. Há uma bancada evangélica no Congresso Nacional usurpando o poder político para fortalecer suas congregações. “O adversário metafísico se encontra menos no Vaticano - um Estado de opereta, uma instância de desenho animado... -, que na consciência das pessoas, ou mesmo no inconsciente.” (ONFRAY, 2010, p.36). Nestas condições estranhamente medievais que nos encontramos na atualidade, como proceder numa laicidade de fato? Como promover uma revolução no sentido de fazer o crente se colocar em dúvida para ao menos respeitar a multiplicidade de crenças? Pois, “uma Inquisição ao revés não é mais legítima ou defensável do que a da Igreja católica em seu tempo.” (ONFRAY,2010, p.37). Sendo assim, como ampliar o instrumental cultural dos cidadãos no sentido de ocuparem-se de muitas outras coisas, - teatro, música, viagens, leituras -, retraduzindo sua fé como algo de foro íntimo?

A data de perempção parece superada porque não se produziu uma laicidade

dinâmica, evolutiva, dialética, numa palavra, pós-moderna. Constatemos: a laicidade modelo antigo consiste com muita frequência em formular num vocabulário neokantiano o decálogo judaico-cristão e a moral evangélica. (ONFRAY,2010, p.35).

Enquanto o laico for uma investidura iluminista impregnada de cristianismo, a vida ainda será apenas uma passagem entre um passado milagroso e a espera de um futuro no além – mundo. Numa perspectiva filosófica moderna, uma forma de conhecimento abstrato como metafísica do espírito absoluto. Outros nomes para se referir a Deus de modo a não assumir a culpa da heresia da morte de Deus. A plenitude da morte de Deus é o substrato útil a uma laicidade pós-moderna. “Uma laicidade pós-moderna possibilitaria precipitar o movimento e acelerar o curso da história a fim de superar o niilismo europeu.” (ONFRAY, 2010, p.37). O niilismo deixado pela morte de Deus é um avanço no sentido de superar o niilismo decadente e ressentido do europeu cristão. De qualquer modo, a morte de Deus dissemina a destruição de todos os ídolos, inclusive aqueles que, cheio de boas intenções, achavam-se portadores de uma consciência ontológica e política capaz de recrutar o povo para luta a partir de seu despertar, agora promovido pela luz do conhecimento. O que o movimento das Luzes tem de salutar, é servir de grande motor revolucionário no âmbito de uma política cultural. Porém, ao trocar Deus pela razão e a laicidade, e como sugere Onfray, para evoluir para uma era pós-cristã, hedonista, não significa, na nossa humilde opinião, a superação do niilismo europeu. Ao contrário, ajuda a sustentá-lo na medida que permanece na ilusão de um projeto ideal. “Pode-se querer evitar esse sinistro impasse optando por uma terceira solução: nem um nem outro, mas, alhures, um ateísmo verdadeiro que rejeite tanto a Torá quanto o Novo Testamento e o Corão, para preferir em lugar deles as Luzes da razão e as clarezas da filosofia ocidental.” (ONFRAY,2010, p.38). Contudo, é digno salientar que laicidade não é ateísmo e o movimento das Luzes não seria digno de ser chamado de ateu. Os filósofos da Ilustração realizavam uma forte crítica aos valores clericais estabelecidos, mas isto não nos autoriza a falar de um movimento ateu. Deus e as instituições religiosas são coisas distintas, existem muitos crentes que nunca pisaram numa igreja e professam uma espiritualidade de uma santidade tal que muitos crentes, num suposto Julgamento Final, iriam se assustar com a salvação deste incrê. Outrossim, a persistência e a acidez crítica, de alguns pensadores, a Deus e a seus porta-vozes na Terra num discurso assumidamente ateu, é corolário da luta por uma laicidade Iluminista.

Sou por Luzes mais intensas, com frequência esquecidas, que procedem de ateus francos e diretos, nítidos e precisos - do abade Meslier a Holbach, passando por La Mettrie e alguns outros. Ai começa o novo mundo pós-cristão, nesses anos inaugurais do século XVIII. A eles devemos a genealogia de um ateísmo que merece hoje uma definição reafirmada contra o império dos monoteísmos[grifo do autor]. (ONFRAY, 2010, p.38).

A laicidade e depois o ateísmo militante constituem os elementos necessários para a derrocada dos pressupostos do Antigo Regime. Sem este enfrentamento, os valores políticos modernos teriam permanecido. Mas o avanço de uma laicidade para um ateísmo, que culminará no ateísmo militante, traduzindo laicidade por ateísmo, pretendendo converter todos os crentes à descrença, não avança muito no debate, apenas incorpora a catequese de convento a esta homília dos incrêus.

RICHARD DAWKINS

A beleza do mundo físico pode ser contemplada como obra de arte. De tão estupenda provoca o espanto como uma pergunta pelos por quês. Pois essa dimensão extraordinária ou seria uma invenção de uma mente maravilhosa ou um rearranjo das forças, durante muito tempo inexplicáveis para os homens de razão. O religioso já havia resolvido o problema. O cientista não se satisfaz assim tão facilmente. “A reação como que mística à natureza e ao universo é comum entre cientistas e racionalistas. Ela não tem nenhuma conexão com a fê sobrenatural.” (DAWKINS, 2007, p.26). Assim, até Darwin, a natureza era resultado da Criação. Com Darwin, passou a ser o resultado eficiente da seleção natural pela obtenção de conquistas positivas para a espécie, alimento, parceiros fortes e sucesso reprodutivo. A grandiosidade e sofisticação da natureza angaria para si uma certa perfeição que até cientistas mais renomados ateus lhe atribuem um quê de não habitual. A nosso olhar essa intromissão de um certo mistério sobre a natureza como um adereço, um enfeitizinho qualquer, sem pretensões acadêmicas, como um comentário bobo, não aumenta nem diminui o autor. Ou seja, tanto teístas quanto ateus buscam na enciclopédia do pensamento humano este ou aquele intelectual como a arregimentá-lo para o seu grupo justificando a sua crença. Os crentes gostam de lembrar de Newton, os ateus de Darwin. Dawkins para se defender introduz Einstein como a querer preservar o seu ateísmo mantendo-o no seu grupo. Gostaríamos de sustentar como hipótese argumentativa que estes autores, a começar por Charles Darwin não estão tão preocupados com Deus; como se desde o primeiro passo, objetivassem uma teoria sobre a natureza com o intuito premeditado de destruir as religiões, especialmente, as religiões abraâmicas. Suspeitamos que esses homens de ciência sequer preocupavam-se com Deus, para eles, talvez, mais interessante seria perseverar nas suas pesquisas acadêmicas, sem buscar polêmicas que gerariam desgaste e não contribuiriam para turbinar seus estudos. Arregimentar Darwin para um lado ou outro é coisa do ateísmo militante e do fundamentalismo religioso.

Infelizmente, a indistinção entre o que se pode chamar de religião einsteniana e a religião sobrenatural causa muita confusão. Einstein às vezes invocava o nome de Deus (e ele não é o único cientista ateu a fazer isso), dando espaço para mal-entendidos por parte de adeptos do sobrenaturalismo loucos para interpretá-lo mal e reclamar para o seu time pensador tão ilustre. (DAWKINS, 2007, p.27).

O objetivo de Einstein e Darwin era construir suas ciências a partir de materiais empíricos, fazendo uso da razão e do pragmatismo científico, para não se perder tempo com debates infrutíferos. A novidade de Darwin é a seleção natural, a de Einstein a Teoria da Relatividade. Seus aportes teóricos não anulam ou afirmam Deus, pois seus estudos dedicavam-se a outras áreas que não a teologia. Dawkins realiza uma severa crítica aos cristãos que enumeram seus cientistas e filósofos crentes, mas no fim acaba por fazer o mesmo, recrutando seus soldados da descrença. A fê de Mendel não faz a sua pesquisa menor, assim como o ateísmo de Stephen Hawking não o eleva para mais acima das suas realizações acadêmicas e toda a sua luta, que para ele foi existir e ser cientista. “Conforme eu prosseguir esclarecendo a distinção entre a religião sobrenatural, de um lado, e a religião einsteiniana, do outro, tenha em mente que só estou chamando de delírio os deuses sobrenaturais.” (DAWKINS, 2007, p.30). Ora, se para os teístas Deus é artigo de fé, para os deístas é o senhor das esferas, o projetista primordial que colocou a máquina do universo para rodar suas engrenagens, e como fluxo dos arranjos das esferas intergalácticas, a vida tal como a conhecemos hoje se construiu, sem a onipotência do Criador, que deu o sopro inicial: o *Big Bang* talvez! Ambas as imagens ajudam a explicar a origem de tudo e uma ou outra não deixam de ser místicas, e nem uma nem outra alavancam valores mais positivos porque se é de uma ou de outra, e *o tal fulano é torcedor do meu time de futebol, por isso estou verdadeiramente certo*. “Os deístas diferem dos teístas pelo fato de o Deus deles não atender a preces, não estar interessado em pecados ou confissões, não ler nossos pensamentos e não intervir com

milagres caprichosos.” (DAWKINS, 2007, p.33). Essas explicações são úteis porque não sabemos e é tão difícil para nós humanos não saber que inventamos formas de saber e nos tranquilizarmos. Toda essa diversidade de conhecimentos não serve para criar grupos sectários, isto demonstra riqueza, e como iguais na incompreensão do mundo, que deveríamos dialogar melhor todos estes saberes.

O Deus deísta é um físico que encerra toda a física, o alfa e ômega dos matemáticos, a apoteose dos projetistas; um hiperengenheiro que estabeleceu as leis e as constantes do universo, ajustou-as com uma precisão e uma antevisão extraordinárias, detonou o que hoje chamamos de *big bang*, aposentou-se e ninguém nunca mais soube dele. (DAWKINS, 2007, p.51).

Uma sociedade pós iluminista poderia ser muito bem, mais atea ou laica, mas os Estados Unidos se mostram bem diferente. Os fanatismos e as religiões de tipo seita são bem comuns. Com relativa liberdade religiosa se permite que crenças reduzam o espectro de análise e vivências de crianças, por exemplo, confinando-as em comunidades fechadas ou em suas próprias casas fazendo uso do chamado *home schooling*. Os muçulmanos não são bem-vistos por lá, apesar de terem seus representantes. Outras congregações, que fazem uso de drogas alucinógenas reivindicam o seu direito e são atendidas. Abre-se um precedente a partir da noção de finalidade religiosa de culto. Coibir uma poderia repercutir no sentido de se coibir outras tão excêntricas quanto. Apesar do moralismo e conservadorismo subjacente a todos estes fanáticos religiosos, o uso de drogas pode ser liberado para rituais.

No dia 21 de fevereiro de 2006, a Suprema Corte dos Estados Unidos determinou, de acordo com a Constituição, que uma igreja do Novo México deveria ser isentada de cumprir uma lei, a que todo mundo tem de obedecer, que proíbe o uso de drogas alucinógenas. Os integrantes do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal acreditam que só conseguem compreender Deus tomando chá de *ayahuasca*, que contém a droga alucinógena ilegal dimetiltriptamina. (DAWKINS, 2007, p.36).

O uso recreativo da maconha, gradativamente, está sendo descriminalizado em diversos estados americanos, assim como o seu uso medicinal. Entretanto, com ainda bastante oposição em forte confronto com grupos conservadores. A maconha é bem menos destrutiva que o álcool e o tabaco, mas sua proibição permanece como tabu. Isto porque o seu debate passa pelo crivo do fundamentalismo religioso, que até admite a transformação da água em vinho para fins recreativos, mas nunca a farmacologia da *cannabis sativa* para o tratamento e bem-estar de pacientes com câncer.

Por outro lado, há muitas provas de que a maconha alivia a náusea e o desconforto de doentes de câncer submetidos a quimioterapia. Mesmo assim, novamente de acordo com a Constituição, a Suprema Corte determinou, em 2005, que todos os pacientes que usarem a maconha com fins medicinais estarão sujeitos a indiciamento federal (até na minoria dos estados em que esse uso especializado foi legalizado). (DAWKINS, 2007, p.37).

O ateísmo pela própria constituição de si, não deveria se arrogar pregador de nenhuma doutrina. Pois, a falta de fé como prerrogativa inicial inviabiliza qualquer catequese. Se a negação da fé passa pela pregação moral de um outro credo sem Deus, há apenas uma inversão maniqueísta do fenômeno, nada novo em termos nietzscheanos. Ou seja, a estratégia atea não passaria de vingança numa forma do ressentimento que não difere muito dos fundamentos subjetivados na cultura ocidental pelo judaísmo cristianismo. A proposta combativa de Richard Dawkins, além de não demonstrar nenhuma novidade no sentido da denúncia dos crimes perpetrados contra a humanidade pela cristandade, outros já fizeram isto e muito melhor, não resolve, decisivamente, o

problema de Deus, apesar da sua insistência em tratar a dimensão do inefável e do mistério como problemas de pesquisa científica.

Definirei a Hipótese de que Deus Existe de modo mais defensável: existe uma inteligência sobre-humana e sobrenatural que projetou e criou deliberadamente o universo e tudo que há nele, incluindo nós. Este livro vai pregar outra visão: qualquer inteligência criativa, de complexidade suficiente para projetar qualquer coisa, só existe como produto final de um processo extenso de evolução gradativa. (DAWKINS, 2007, p.44).

As mitologias em geral exageram nas suas narrativas, descrevem pormenorizadamente os eventos, dando detalhes e preenchendo de paixão até os acontecimentos mais triviais. Esse aspecto da cultura reconecta o sujeito ao grupo numa espécie coesão dos indivíduos ao conteúdo semântico do texto. Para os de fé, não só uma conexão discursiva, mas uma inserção nos desígnios do Criador. Até aí nada que devêssemos nos irritar ou atribuir uma certa falsidade a partir de um referencial de verdade material. Cada um crê no que quiser, ou delira suas vicissitudes como aprouver. Os problemas ocorrem quando o crente impõe a sua verdade desqualificando as outras. Ou o descrente instaura a sua desautorizando as outras, admitindo a elas uma certa insanidade como proibida, num tipo de mentalidade manicomial, como se estes indesejados tivessem que ser banidos ou segregados porque nos é impossível lidar com eles. “A outra coisa que não posso deixar de ressaltar é a confiança pretensiosa com a qual os religiosos atribuem mínimos detalhes àquilo para o que nenhum deles tem nenhuma prova — nem poderia ter.” (DAWKINS, 2007, p.47). Se a ficção cristã tem seus aliteros levantados com Paulo que elaborou um Cristo menos intimista, o fez no sentido de construir politicamente um discurso que incluísse mais pessoas no bojo desta salvação, trazendo mais adeptos. Salvação e danação aparecem na doutrina paulina como adventos do ideal ascético, muito mais que em Jesus e o seu amor incondicional. “Durante a ocupação romana da Palestina, o cristianismo foi fundado por Paulo de Tarso como uma seita do judaísmo menos intransigentemente monoteísta e menos exclusivista, que olhou além dos judeus e para o resto do mundo.” (DAWKINS, 2007, p.50). Mas a igreja não é apenas templo do fanatismo, uma dimensão bastante complexa da cultura foi erigido em nome de uma suposta espiritualidade. Desconsiderar isto como uma bobagem irracional é desrespeitoso com Bach, Mozart, Rafael, Da Vinci, Agostinho, Tomás de Aquino, Dante, e muitos outros. É um espaço de socialização, confraternização, comunhão, de afirmação do homem como animal social. Dentro das instituições religiosas, talvez, existam muitas pessoas preocupadas muito mais com essa dimensão cultural, social, do que da dimensão litúrgica, do rito, que propriamente de uma entrega cega a um Deus.

Na Inglaterra, por outro lado, a religião, sob a égide da Igreja estabelecida, transformou-se em pouco mais que um passatempo social agradável, quase não mais reconhecível como religião. [...] O subtítulo do artigo de Fraser é “O estabelecimento da Igreja da Inglaterra tirou Deus da religião[...]” (DAWKINS, 2007, p.54).

Dawkins não se limita a discorrer sobre biologia e seus avanços primorosos. Como divulgador da ciência, muito mais que um cientista dedicado e sóbrio, acaba polemizando desnecessariamente tornando o seu discurso raso, não servindo nem ao debate científico, nem ao filosófico-teológico. Pois seu discurso está preso demais a uma série de certezas, não se abrindo a construir novidades interpretativas. Por exemplo, Deus não é um problema para a ciência e os cientistas, espertos como só eles, esquivam deste debate porque não agregará muita coisa entrar nele para se compreender a velocidade de deslocamento de uma partícula no campo magnético da Terra. Se Deus existe ou não, isto não turbinará o avanço das pesquisas sobre células-tronco ou o

desenvolvimento de vacinas. Logo, se Deus puder ser um problema de pesquisa científica, será um problema muito complexo para obtenção de resultados úteis e práticos aquém dos investimentos que terão que ser aplicados. A pesquisa empírica é cara. Ora, um trabalho de educação no sentido da construção de uma laicidade teria maior serventia e custaria muito menos que provar empiricamente que Deus existe ou não, mais sensato deixar a fé para a experiência pessoal de cada um.

A existência ou inexistência de Deus é um fato científico sobre o universo, passível de ser descoberto por princípio, se não na prática.[...] E, mesmo que a existência de Deus jamais seja comprovada nem descartada com certeza, as evidências existentes e o raciocínio podem criar uma estimativa de probabilidade que se afaste dos 50%. (DAWKINS, 2007, p.62).

Do mesmo modo que os crentes veiculam suas ideias, todas as outras devem circular também. Mas sem fazer uso da seriedade das ciências para emitir opiniões de foro íntimo. Se consegue criar diversos jogos silogísticos para demonstrar que Deus existe e, que não existe, e isto não coloca o problema no âmbito material. “O fato de que não se pode provar a inexistência de Deus é aceito e trivial, nem que seja só no sentido de que nunca podemos provar plenamente a inexistência de nada.” (DAWKINS, 2007, p.66). As religiões podem ser exploradas tranquilamente nos seus vários ramos, todos eles ligados as ciências humanas. Assim, talvez se devesse colocar as sandálias da humildade e deixar para as áreas mais experientes tratarem do assunto. Se não se quiser apenas polemizar para vender livros, o que é uma estratégia de negócios, não condenável inicialmente. A não ser quando se faz esse discurso doutrinário com aparência de academicismo. Para o leitor pouco familiarizado com as letras, pareceria que Dawkins está mais certo, mas ele não apresenta provas, - ele se diz cientista, então precisa provar, se fizer um rearranjo para o seu discurso endossando o seu caráter, talvez, filosófico, teológico ou niilista, quem sabe poético, a exigência de prova empírica estaria desautorizada; “além disso, há a crítica de que ela se trata de uma teoria de gabinete, o que, dentro do debate das ciências *duras*, é considerado uma ‘falha’ digna de nota. [...] a memética apresenta-se como uma teoria de observação de comportamento e, nesse sentido, aproxima-se da linguagem das ciências humanas e sociais.” (FRANCO, 2014, p. 118); a teoria dos memes é o que ele apresenta como a mais evidente novidade em favor do ateísmo.

“Nem a afirmamos nem a negamos; simplesmente não podemos comentá-la como cientistas”. Apesar do tom confiante, quase agressivo, da declaração de Gould, qual é, na verdade, sua justificativa? Por que não devemos comentar sobre Deus como cientistas? (DAWKINS, 2007, p.67).

Deus é o significativo perfeito. Que não excede, nem falta, a medida exata de todas as coisas. A harmonia, o afago, a gratidão, o acolhimento, o amor. É tudo aquilo que o homem não é como historicidade, mas é como idealidade sonhada. Porque a dimensão de Deus recebe a mansidão e a paz como ausência de conflitos, logo, como felicidade. Assim, Deus como verdade, substância absoluta e transcendental, ou, ainda, Deus como falsificação, ficção, engodo expiatório para crimes de guerra, Deus como objeto de negação como ente fabricado, Deus como nada; enfim, Deus em qualquer medida, existe, nem que seja para achincalhá-lo e insultá-lo como versão empobrecida dos poemas épicos. Para todos os grupos, a morte de Deus como nadificação é uma condição impossível de suportar. O homem precisa de Deus, nem que seja como mentira consciente do crente ou trama dos velhacos a ser denunciada pelos arautos da outra verdade, os ateus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida é difícil demais, intranquilamente misteriosa, sofrida em demasia, para uma constatação meramente materialista do mundo. Que o mundo seja, apenas, o que os físicos, químicos e biólogos dizem que é, sem por nem tirar mais nada, então o sentido, a coerência, o mecanismo, se põe de tal forma, que toda paixão, dor e alegria pelo sentimento de abandono é extirpada, elevando da tumba do Deus morto o tédio basal como castigo pelo existir. Mas os homens das ciências, céticos com relação ao sagrado, não deixam o nada assumir o controle, a própria ciência de que são guardiães e seu método infalível são elevados ao altar da adoração. O homem moderno não está preparado para o niilismo como realidade. Se o niilismo se sustenta, num primeiro momento, pelo ideal platônico socrático; em outro é tomado como ideal ascético pelo sacerdote cristão para, enfim, ganhar a operacionalidade interventiva da ciência laboratorial; contudo, estes niilismos como fuga do real numa transposição para além-mundos, protegem-se do impacto mais doloroso, de que o mundo aparentemente tão cheio, está preenchido de nada, que a coerência do mundo é arbitrária, versão humana de seu jeito de adestrador, consciência de espantinho e bonachão. Deus, o socialismo, o feminismo, a igualdade, a equidade, a justiça, a verdade, o ateísmo, o panteísmo, o agnosticismo, o deísmo, as ciências, o amor, a caridade, Lula, Bolsonaro, Nietzsche, Schopenhauer, Kant, Einstein, o LSD, o rock 'n roll, a maconha, nada disso faz sentido, são apenas invenções estabilizadoras para nos ludibriar da crueldade de um abismo como um buraco que afunda cada vez mais no nada e na morte.

Por isto, Deus na sua acepção tradicional ou na sua versão laica sob vestes humanísticas, está aí como mecanismo de defesa contra o desamparo. E não reivindicamos uma condenação a presentificação de Deus como atributo covarde de uma humanidade decaída, ao contrário, sustentamos que Deus possibilita à vida continuar, mesmo depois do seu encontro devastador com o nada. Porém, e aqui vale algumas ressalvas, esses valores teísticos de todos os tipos, podem ser envenenadores e devem ser combatidos numa outra forma de educação que escape ao adestramento disciplinador do cristianismo judaísmo puros. Uma postura poética diante da vida restaura Zarathustra como dançarino capaz de após a morte de Deus, pragmaticamente, fazer uso dos diversos recursos para consolidar sua alegria. Ateísmo e teísmo não são conceitos absolutos, sendo plenamente possível apropriá-los da forma que nos aprouver. Um doente que faz uma prece a Deus não é condenável, um biólogo molecular que descobre as propriedades químicas da Uracila, desdobrado-a num argumento sobre a inexistência de Deus também não. Suas atitudes afirmativas preservam o humano que são. Mesmo o fraco, degenerado, sem forças, devastado pela pusilanimidade proveniente da imensidão da vida, mesquinhos, ressentidos, reativos, canalhas, mentirosos, charlatões do cristianismo, mesmo estes miseráveis elevam sua torpeza leviana para edificar alguma realidade para a sua vida neste mundo. A promessa do outro mundo serve a estes carcomidos e devastados, sem seus amuletos e bengalas eles sucumbiriam. O forte que se esforça em destruir este pouco destes moribundos e mentecaptos, não passa de um covarde vingador, que trava uma guerra desnecessária contra os vulneráveis: isto não passa de judaísmo cristianismo no sentido *latu*.

REFERÊNCIAS

- ACHARYA, Berlin/Boston: WalterdeGruyter, 2013.
 ARALDI, Cladimir Luís. *Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral*. Pelotas: NEPFil online, 2013.
 ARALDI, Cladimir Luís. *Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche*. Cadernos Nietzsche 5, p. 75-94, 1998.
 ARALDI, Cladimir. *Hölderlin e Nietzsche: sobre o "abismo" do nada*. Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência, Rio de Janeiro, v. 13, nº 2, pp. 43-58, 2020.
 ALIAGA, OsmanDanielChoque. "Dios

- hamuerto”ylacuestióndelacienciaenNietzsche. Estud.filosnº59.Enero-juniode2019.UniversidaddeAntioquia.pp.139-166.
- ALVAR,Jaime.*UmTratadoFracasado:Laateologiacomodiscursodelateísmocristiano*.In: Diálogosdahistória antiga. Vol. 32No.2, 2006.p. 125-137.
- AMENGUAL,G.*CriticadelareligiónyantropologiaemLudwigFeuerbach:lareducciónantropológica de la teología como paso del idealismo al materialismo*. Barcelona: Editorial Laia, 1980.
- BARBOSA, Wilmar do Valle; LOTT, Henrique Marques. “O religioso após a religião”: um debate entre Marcel Gauchete Luc Ferry. Horizonte, Belo Horizonte, v.8, n.19, p.71-100, out./dez.2010-ISSN:2175-5841.
- BADEY,PaulB..*Nietzsche: A Confused Philosopher?* International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences. ISSN: 2222-6990, June 2012, Vol. 2, No.6.
- BORGES, Renato Rodrigues. *Ateísmo após-modernode Michel Onfray: descrição, análise dos pressupostos filosóficos e avaliação crítica*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.
- BROCK, Eike. Ruhr-Universität Bochum: De Gruyter, 2015.
- CABRAL, Alexandre Marques. *Nietzsche e a semântica da vontade de poder*. Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche, 1º semestre de 2009, Vol.2,nº1, pp.20-37, p. 27.
- CABRAL, Alexandre Marques. *Nihilismo e Hierofania: Nietzsche, Cristianismo e o Deus Não-Cristão. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2015.
- CHAVES, Doriane de Araújo; OLIVEIRA, Adriano Antunes de. *Nihilismo em morte de deus como problemas na leitura de Zarathustra de Nietzsche*. Revista Acadêmica UniSerra, Tangará da Serra, v. 1, n.1, p.41-50, jan/jun. 2018.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSTA, Abraão Lincoln Ferreira. *Ateísmo e materialismo hedonista: um balanço crítico da ateologia de Michel Onfray*. Dissertação. Brasília: Universidade de Brasília, Programa de pós-graduação em filosofia, 2010.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DOŠTOJEVSKI, Fiódor. *Os Demônios*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- ESPINDOLA, Arlei de. *Feuerbach: da crítica da religião à defesa da dignidade humana*. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v.32, n. 1, p.3-8, jan./jun. 2011.
- FERREIRA, Douglas Willian. *Ágape e a liberdade: os fundamentos da espiritualidade laica em Luc Ferry*. Dissertação (Mestrado acadêmico). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em Ciência da religião, 2016.
- FERREIRA, Gustavo Augusto da Silva. *Fé e Razão: uma relação de completudes e verdades*. Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol.9, n.15, jan/jun.2015, p.144-154.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papirus, 1989.
- FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro*. Lisboa: edições 70, 2002.
- FIGL, Johann. *Nietzsche und die Religionen. Transkulturelle Perspektiven eines Bildungs- und Denkweges*. Berlin: De Gruyter, 2007. 396pp. ISBN: 978-3-11-019065-6.
- FIGL, Johann. *Dialektik der Gewalt: Nietzsches hermeneutische Religionsphilosophie; mit Berücksichtigung unveröffentlichter Manuskripte*. Düsseldorf, Patmos Verl., 1984.
- GILLESPIE, Michael Allen. *Nihilism before Nietzsche*. Chicago: the university of Chicago press, 1995.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Religião e éticanocristianismo não religioso: Uma abordagem a partir de Gianni Vattimo*. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 10, n. 2, 244-268, maio/ago. 2018.
- HEIT, H. *Endeder Säkularisierung? Nietzsche und die große Erzählung vom Tod Gottes*. En S. D. Terne, *Nietzsches Perspekti ven. Über Dichten und Denken in der Moderne*. Berlin: De Gruyter, 2014.
- HOEDL, *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos*. Nietzsche-Forschung, Band 54, Gebundenes Buch 30, 2007.

- KANT, Immanuel. *Religião nos limites da Simples Razão*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.
- KUHN, Elisabeth. *Friedrich Nietzsches Philosophie des europäischen Nihilismus*. Monographien und Textezur Nietzsche-Forschung, Band 25, Gebundenes Buch – 1. Februar 1992.
- LANDIM, Robione Antonio. *Deus morreu: consequências para pensar a religião em Nietzsche*. Tese (doutorado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2017.
- LOTT, Henrique Marques. *Marcel Gauchet e a saída contemporânea da religião*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 15, n. 46, p. 412-442, abr./jun. 2017 – ISSN 2175-5841.
- MAIA, Antonio Gladenir Brasil; NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre; OLIVEIRA Renato Almeida de. *Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade*. Argumentos, ano 10, n. 19 - Fortaleza, jan./jun. 2018.
- MARTINES, Carmelo. *Ateísmo Pós-moderno: Análisis Y Crítica De Sus Argumentos*. (Spanish). Davarlogos 9, no. 2 (September 2010): 195-205.
- MASSUH, V. *Nietzsche y el fin de la religion*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1985. MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsches Lehre vom Willen zur Macht*. Nietzsche-Studien, 3, 1-60, 1974.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Editora Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; DE SOUZA, Paulo César. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; GIACÓIA, Oswald. *Fragments póstumos*. IFCH/UNICAMP, 1996.
- NOVAK, Philip. *The Vision of Nietzsche*. Rockport: MA, 1996.
- ONFRAY, Michel. *In Defense of atheism: The case against Christianity, Judaism, and Islam*. Toronto: Viking Canada, 2007.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia: física da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SILVA, Marcos de Oliveira. *Por uma Autópsia do Sagrado: O anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.
- SOMMER, A. U. *Inwiefern ist Ernährung ein philosophisches Problem? Ludwig Feuerbach und Friedrich Nietzsche als Relativierungsdenker*. Perspektiven der Philosophie, 38(1), 319-342, 2012.
- SOUZA, Vitor Chaves de. *A coragem em André Comte-Sponville e Paul Tillich*. Revista Eletrônica Correlatio nº 15 - Junho de 2009.
- STACK, George J. *Lange and Nietzsche*. Berlin; New York: de Gruyter, 1983.
- TEZA, Rogério de Souza. *Nietzsche e ateísmo científico*. revHUMvi, out 14, 05 indd, p.

- TILLICH, Paul. *Filosofia de la religión*. Trad.: Marcelo Pérez Rivas. Buenos Aires: Ediciones Megápolis, 1973.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5a ed. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/ Editora Sinodal, 2005.
- VALADIER, P. *Nietzsche y la crítica del cristianismo*. Madrid: Eiciones Cristiandad, 1982.
- VALÉRIO, Gilmar Alonso. *Nietzsche: o desafio do ateísmo niilista*. Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama Vol. 1, No 1 (2009) ISSN 2176-8986.
- VATTIMO, G. *Credere di Credere: è possibile essere cristiani nonostante La Chiesa?* Milano: Garzanti, 1998.
- VIENSENTEINER, Jorge Luiz. *Experimento e Vivência: a dimensão da vida como pathos*. Campinas, 2009.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Nietzsche e o projeto crítico de superação da compreensibilidade*. Cadernos Nietzsche 32, 2013.
- ZABALA, S. (org.). *Il futuro della Religione*. Milano: Garzanti, 2005.

NOTAS

- 1 Não advogamos por uma época anterior como saudosistas de um tempo longínquo e inexistente. A eletricidade nos é importantíssima, nós precisamos das hidrelétricas, sem elas estaríamos mortos, literalmente. Esses avanços das engenharias nos trouxeram benefícios jamais imaginados em qualquer outro momento da História. Mas porque ainda pensamos numa dualidade que separa o mundo em nós, humanos, e o resto, a natureza, que achamos, desde Descartes, que temos condições intelectuais de dominar e controlar a natureza. Isto é uma ficção, primeiro porque a natureza não é passível de domínio, segundo porque o que somos é resultado de nossa interação com a natureza, apesar de nossa hostilidade predatória e irracional, e nossa ilusão de superioridade e excepcionalidade. Ou seja, até agora pensamos errado, e os efeitos, já sentidos do aquecimento global, escancaram essa suspeita. Ora, já que a nossa imensa caixa craniana nos permite o desenvolvimento de uma cultura, logo de necessidades que aos outros animais não tem sentido algum, e por isso vislumbramos construir equipamentos nocivos aos ecossistemas e, portanto, a nós, assim ganhamos e perdemos ao mesmo tempo; é mister fazer uso desta mesma engenharia para dispor de cálculos de ganhos e perdas para construir com o menor dispêndio de energia para o planeta e o maior ganho para a humanidade. Cuidar da natureza, mas também cuidar dos homens, uma Europa ecologicamente sustentável e vacinada, de nada serve se a Ásia, África e América Latina, sucumbem na fome crônica, na falta de saneamento, na exploração de recursos energéticos e minerais como únicas alternativas de algum ganho, quando muito para a manutenção política de grupos mercenários financiados pelo norte do mundo. Temos que adquirir um sentimento de pertencimento ao mundo, temos que educar nosso pensamento a ser corpo no mundo. Aprender a alimentar quem tem fome, não porque seja um outro distante, mas porque somos um nós, existentes de uma mesma condição de desamparo e dor. Se o outro sofre, o todo sofre. Talvez, isto que nos exige muitas palavras para dizer, seja entendido de forma mais rápida em outras culturas.